

---

## Prefácio

---

### Bento XVI e a impossibilidade de fugir aos media

Talvez uma das grandes diferenças entre João Paulo II e Bento XVI resida no que cada um deles trouxe do seu passado distante ou próximo. Wojtyła, ao transformar-se em João Paulo II, teve, de facto, um processo de renomeação eficaz. O cardeal que usava ainda o nome da criança nascida na Polónia não tinha o suficiente mediatismo para ter ofuscado o futuro Papa residente em Roma. À “cidade eterna” correspondeu um novo nome, um nome também ele eterno dentro dos cânones da nomeação dos Sumos Pontífices.

Com Joseph Ratzinger tudo seria diferente. O cardeal era já uma figura pública e altamente mediatizada, antes mesmo do falecimento de João Paulo II. Autor bastante lido, teólogo central em muitas disputas e controvérsias, não mais o Papa se conseguiria livrar, despir, da carga que era o nome antes formatado e definido pela comunicação social.

Uma breve pesquisa num motor de busca mostra-nos o que surge como inevitável: acima de tudo, temos o cardeal e não o Papa. Perante a busca por “Papa [nome próprio]”, os valores que surgem para Bento XVI são mais do dobro dos que o motor nos indica para João Paulo II. Isto é, uma parte muito significativa das vezes em que o actual Papa surge na Internet, o título de Papa surge directamente ligado ao seu nome civil e não ao nome de sucessor de Pedro. “Papa Ratzinger” impôs-se como uma norma forma de nomeação que liga o Sumo Pontífice à imagem já antes criada. Ao contrário, “Papa Wojtyła” quase não surge, e a nomeação “João Paulo II” é avassaladora perante as restantes possíveis formas.

Esta impossibilidade de se fugir ao que de nomeação o fenómeno mediático criou, pode-se encontrar na forma como o Vaticano, no seu *web site*, apresenta como biografia dos dois últimos Papas. No caso de João Paulo II, a biografia começa como seria de esperar, seguindo uma ordem de elementos onde o primado da sua situação se encontra no facto de ser

PAULO MENDES PINTO

«Papa». Diz assim: “Karol Józef Wojtyła, known as John Paul II since his October 1978 election to the papacy, was born in [...]”.

Se, no mesmo *web site*, formos ler o texto equivalente para Bento XVI, o centro da sua “entitulatura” encontra-se na sua herança enquanto cardeal: “Cardinal Joseph Ratzinger, Pope Benedict XVI, was born at [...]”.

Mas, mais que um nome a dirigir as atenções, quando referentes ao actual Papa, as palavras «cardeal» ou «Ratzinger» são sinónimo de Congregação para a Doutrina e a Fé... É aqui que se percebe que um nome é mais que o som que se escuta quando lidas as letras que o compõem. Um nome é uma porta de acesso a um universo de significados. E foi com esse universo, essas heranças, que Bento XVI não se conseguiu distanciar do Cardeal Ratzinger.

A impossibilidade é total no que respeita à fuga ao espaço tentacular dos meios de comunicação social. Resignada a essa realidade, a Igreja católica alinhou no modelo comunicacional dirigido, não por ela, mas por quem transmite as imagens e as mensagens.

Poderia ser diferente? Até que ponto seria viável uma fuga da figura papal à ditadura da imagem e do mediatismo? Bento XVI afirma-se enquanto Papa na exacta herança do cardeal que habitava a mesma pessoa. Dito assim, parece simples; contudo, na figura papal, nada é simples, muito menos os equilíbrios com os media.

## Uma Igreja subjugada, cooperante ou dominadora?

Após várias visitas em que o Santo Padre foi surpreendido pela sua dificuldade em proferir as palavras mais corretas, Bento XVI passou a ser uma redobrada atração mediática. Capaz de criar algum conflito ou problema diplomático a qualquer momento, o Papa disponibilizou para si mesmo um lugar cativo nos ecrãs e nos jornais.

Gafes, “escorregadelas” ou palavras menos bem entendidas porque proferidas por um académico não habituado a ecos tão ruidosos, a verdade é que a visita de Bento XVI a Portugal surge num momento em que era por demais necessária uma nova imagem para um Sumo Pontífice que era muitas vezes acusado de pouco sorrir e de ser frio.

Como resultado final, a imagem de Bento XVI saiu muito melhorada desta visita. Não propriamente a pessoa em si, mas sim a personagem que os media transmitem. Nesta viagem, tudo correu bem. Os sorrisos, as palavras, os olhares. Gerou-se, mesmo, uma certa empatia inesperada entre a população e o Santo Padre, rematada pela adesão dos media que retransmitiram e potenciaram esse namoro.

*PREFÁCIO*

Obviamente, é legítimo questionar o acontecido. Como e porque aconteceu desta forma? Com a herança do cardeal que ocupava a função mais castradora da Igreja católica, como foi possível passar de uma figura mediatizada através da herança para um novo patamar, uma nova relação?

Rendeu-se a Igreja ao poder onipotente dos media? Compreendendo-o, conseguiu dominá-lo? Ou, em meio-termo, deu-lhe o que eles precisavam, usando também o seu espaço e ferramentas?

\* \* \*

Foi neste espírito questionador que, logo após o fim dessa visita, o Joaquim Franco propôs à área de Ciência das Religiões a realização de um debate em torno da forma como os órgãos de comunicação social trataram a visita papal.

De evento com todo o interesse, evoluiu-se para a edição de um grupo de textos que materializasse a excepcional discussão que então teve lugar.

A todos os colaboradores deste volume, especialmente ao Joaquim Franco, os parabéns pela iniciativa e por colocarem ao dispor de toda a sociedade um olhar isento e crítico sobre aquele que foi um dos acontecimentos mediáticos mais importantes ocorridos em Portugal no ano de 2010.

Lisboa, Novembro de 2010.

PAULO MENDES PINTO

(Dir. da Lic. em Ciência das Religiões da ULHT)